



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

**“NA SUA TERRA LANÇAVAM AGOA FÓRA QUANDO
ALGUÉM MORRIA”: O SIMBOLISMO DO GESTO DE VAZAR
A ÁGUA DOS POTES ENTRE OS CRISTÃOS NOVOS NO
BRASIL COLONIAL³⁰³**

Anderson Cordeiro de Moura

Mestre em Ciências das Religiões (UFPB).

andersoncm16@hotmail.com

Um dos maiores desafios para os historiadores que trabalham com a documentação do Santo Ofício, consiste em compreender a mentalidade inquisitorial e a lógica própria de atuação desse tribunal, pois nisto, consiste a compreensão profunda do problema da intolerância. Trata-se de entender os motivos pelos quais a intolerância passou a ser assimilada e até mesmo justificada pelas pessoas ao longo dos seus mais de trezentos anos de atuação, pois “[...] o problema da intolerância na história, está na sua capacidade sedutora de convencimento das massas” (CAVALCANTI, 2015, p. 19). Nesta perspectiva, a Teoria Geral do Imaginário nos oferece possibilidades significativas para nos aproximarmos da estrutura mental destes homens que nos apresentam as fontes inquisitoriais, tanto dos inquisidores como dos Inquisitoriados.

Desenvolvida pelo antropólogo francês Gilbert Durand em meados do século XX, esta teoria tem por objetivo a compreensão da base mítica das sociedades, nas religiões ou em quaisquer outras expressões culturais. “O Imaginário consiste em um sistema dinâmico organizador de imagens, cujo papel norteador é o de mediar a relação do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo.” (SANCHEZ-TEIXEIRA, 2000, p. 17). Entendemos, portanto, apoiados nesta teoria, que “[...] o conteúdo do

³⁰³ Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa mais ampla, fruto da nossa Dissertação de Mestrado (2018), desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – PPGCR/UFPB: (cf. MOURA, 2018). A pesquisa contou com o financiamento da CAPES.





imaginário é essencial para a compreensão da História humana.” (CAVALCANTI, 2015, p. 41).

No que se refere aos estudos inquisitoriais a partir da teoria do Imaginário, destacamos o pioneirismo do Professor Dr. Carlos André Cavalcanti (PPGCR/UFPB), que inovou ao empregar o aporte desta teoria em sua tese doutoral (Cf. CAVALCANTI, 2001). O Grupo *Videlicet*, fundado em 2006 pelo professor Carlos André, associado ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB, tem como um de seus principais objetivos, a análise do tribunal inquisitorial, dos seus membros e réus, em processos, regimentos e outros documentos, a partir do aporte do Imaginário na perspectiva de Gilbert Durand. Nesta perspectiva encontra-se este trabalho.

Dentre as muitas praticas realizadas por cristãos novos indicativas do pertencimento judaico e do exercício do criptojudaísmo, estava a adoção de algumas práticas funerárias como ser enterrado “ao modo judaico” e em terra virgem, comer em mesa baixa em sinal de luto, e esvaziar as águas dos potes que se conservavam em jarras para uso doméstico e substituí-la por uma água nova. Assim, embora a maior parte dos que compareceram à mesa das visitas inquisitoriais perpetradas ao Brasil, alegaram desconhecer o significado herético deste gesto, os inquisidores sabiam que este era um dos principais ritos fúnebres da fé de israel. Deste modo, os visitantes questionavam aos judaizantes, por qual razão realizavam o referido costume, contudo, a maioria não sabia ao certo o que responder, afirmando por diversas vezes, apenas que o faziam por “nojo e asco”. No entanto, a resposta parecia não os convencer, pois, por várias vezes insistiram, interrogando-os: “que nojo e asco podem fazer as águas cujo defunto não teve contato?”.

A realização desse costume, fora recorrente por exemplo, em todos os relatos dos membros da família Soeiro. Uma família cristã nova da Capitania de Itamaracá, cujos membros se apresentam ao Visitador Heitor Furtado de Mendonça, para confessar as próprias culpas ou denunciarem-se mutuamente. Assim, aos 12 dias do mês de dezembro de 1594 compareceu a mesa da visitação uma senhora chamada Isabel de Paiva, para denunciar Guiomar Soeiro, que mandara vazar a água dos potes de sua casa, quando do falecimento de sua bisneta, e quando questionada a respeito de tal pratica, sorriu dizendo que “[...] na





sua terra lançavam agoa fóra quando alguém morria.”³⁰⁴ Ora, como exposto anteriormente, este costume era bastante difundido na colônia a época da primeira visitação, sendo realizado até mesmo por cristãos velhos. Contudo, questionamo-nos qual o simbolismo presente neste ato? Que nojo faziam as águas conservadas nas jarras para os cristãos novos? Qual o mito diretor que fundamenta esta prática e o que ele nos revela a respeito da realidade dos cristãos novos da colônia?

Para responder a esse questionamento, recorreremos inicialmente ao *Dicionário judaico de lendas e tradições* (UNTERMAN, 1992) que nos oferece algumas pistas de interpretação. De acordo com o autor, o gesto de vazar a água da casa quando do falecimento de alguém está relacionado a uma crença “popular” difundida no judaísmo. Trata-se da crença na visita de Samael, o anjo da morte. De acordo com a tradição “[...] o anjo da morte é todo coberto de olhos e quem o vê fica boquiaberto de espanto, e uma gota do veneno de sua espada cai na boca aberta do indivíduo levando-o a morte.” (UNTERMAN, 1992, p. 26). Desta forma, quando alguém morre dentro de casa, toda a água do local deve ser esvaziada, pois o anjo pode ter lavado sua espada dentro da jarra ou do pote, contaminando assim toda a água com o seu veneno mortal. Ainda hoje, é costume entre alguns judeus mais tradicionais não deixar a água parada. Ainda de acordo com Alan Unterman (1992) os Ashkenazim não dão aos seus filhos, o mesmo nome de um parente vivo, pois isso poderia confundir o anjo da morte.

A tradição judaica, relaciona o episódio do livro do Êxodo, capítulo 12, no qual os filhos dos hebreus, tiveram que ungir as portas das suas casas no Egito, com o sangue de um cordeiro, para que o “anjo exterminador” não lhes fizesse mal, com o anjo Samael. No entanto, para uma análise mais abrangente, é preciso reconhecer que a fundamentação para a realização desse costume, encontra-se na própria Torah, nos preceitos para a prática funerária. Vemos que, no livro dos Números, encontra-se a seguinte recomendação:

Aquele que tocar um cadáver, qualquer que seja o morto ficará impuro sete dias [...] Todo aquele que tocar um morto, o corpo de alguém que morreu, e

³⁰⁴ Cf. MELLO, José Antônio Gonçalves de. (Org.). **Primeira Visitação do Santo Ofício as Partes do Brasil: Denúncias e confissões de Pernambuco: 1593- 1595.** Recife: FUNDARPE, 1984, p. 372.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

não se purificar contamina a Habitação de Iahweh; tal homem será eliminado de Israel, visto que as águas lustrais, não foram aspergidas sobre ele, e está impuro, e a sua impureza ainda permanece nele. Esta é a lei de um homem que morre numa tenda quem quer que entre na tenda e quem quer que aí se encontre ficará impuro sete dias. O vaso aberto, sem tampa, será também impuro. (BÍBLIA, Números, 19, 11-14, grifos nosso).

Há de se assinalar que, a fundamentação doutrinal para a realização deste rito, encontra-se nos princípios de purificação presentes nas leis judaicas. Para o Judeu, o corpo morto é considerado impuro, assim, quando alguém morre na tenda (em casa) “quem quer que entre na tenda e quem quer que aí se encontre ficará impuro”, e isto abrange tanto pessoas como objetos: “O vaso aberto, sem tampa, será também impuro”. Para fazer a purificação da casa, dos objetos ou dos próprios residentes, se faz necessário a utilização das “águas lustrais” isto quer dizer, “água nova, pura”. Contudo, vimos que, as águas que se encontravam dentro dos potes em casa eram consideradas impuras e, portanto, impróprias para o consumo, tendo que ser substituídas por uma água nova. Fica evidente, então, que ao sentido “doutrinal” desse costume, foi-se atribuindo entre alguns judeus a narrativa que deu origem ao mito do “anjo da morte”.

Contudo, a Teoria do Imaginário proposta por Gilbert Durand, nos oferece mais subsídios para a interpretação deste gesto, no intuito de nos aproximar ainda mais do imaginário que permeava a realidade dos cristãos novos da colônia. Para tanto, precisamos esclarecer alguns conceitos fundamentais desta teoria: O primeiro conceito que precisamos entender é o de *Schème*. Palavra francesa que não tem uma tradução exata para o português. É uma ideia abstrata, anterior a imagem. “[...] corresponde a uma tendência geral dos gestos, leva em conta as emoções e as representações.” (PITTA, 2005, p. 18). Exemplos: schèmes da subida, da divisão, do aconchego etc. Em seguida, temos o conceito de *Arquétipo*, que é a representação dos schèmes. Os arquétipos são imagens universais de caráter coletivo e inato. Exemplo: O shème da subida será representado pelo arquétipo do chefe, do alto, do herói etc. “O arquétipo constitui o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. É aqui que o “schème” se substantifica. É a antessala da ideia.” (CAVALCANTI, 2015, p. 42).





Temos ainda, outro conceito importante. Trata-se da noção de *Símbolo*, que é a representação material do valor do arquétipo. É a imagem objetiva materializada num objeto, numa pessoa. “É uma representação que faz aparecer um sentido secreto. Os símbolos são visíveis nos rituais, nos mitos, na literatura, nas artes plásticas etc.” (PITTA, 2005, p. 18). No entanto, vale esclarecer que, esses componentes do imaginário não ocorrem numa sequência simples de causa e efeito. Também não existe uma hierarquia entre eles, nem um progresso de um para o outro. Deste modo, para Durand, o *Mito* é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schèmes que tendem a se compor em relato, ou seja, que se apresenta sob forma de história.” (PITTA, 2005, p. 18).

De forma a exemplificar esses conceitos, Pitta (2005) propõe o seguinte exemplo: O *shème* do aconchego e proteção, está diretamente ligado ao arquétipo da *mãe* que se materializam no imaginário cristão católico ocidental no símbolo da *Virgem Maria*. O Mito, por sua vez, dá forma e sentido a esse sistema por meio do relato bíblico da visita do arcanjo a Maria, sua concepção virginal, seu exemplo de santidade e pureza, e sua condição de mãe do Deus humanado, bem como sua adoção filial a humanidade, identificando-a com a mulher do Genesis, mãe da geração que esmagará a cabeça da serpente. (Cf. BIBLIA, Gênesis 3, 15).

Em seguida, Durand identifica que as imagens tendem a se orientar em dois sistemas, ou “regimes de imagens”: O Regime Diurno, caracterizado pela heterogeneidade, oposição, extremos, mundo dividido. E o Regime Noturno, que por sua vez é caracterizado pela harmonia e contemplação. Estes regimes, recobrem três “estruturas” que representam as três “respostas” ou reações produzidas pelo homem para a angústia diante da morte:

- a) **A Estrutura heroica:** Pertence ao Regime Diurno. Atitude baseada na dicotomia e na rejeição das diferenças, heterogeneidade, luta entre opostos. “Vai-se às armas para combater o monstro.” (CAVALCANTI, 2015, p. 20);





- b) **A Estrutura Mística:** Pertence ao Regime noturno. Atitude baseada na complementaridade, segundo essa postura, tem-se uma atitude pacificadora de aceitação das diferenças, tendência a homogeneidade. “Busca-se a harmonia universal, em função das diferenças.” (Idem);
- c) **A Estrutura Dissiminatória:** Trata-se de um modelo intermediário entre os dois anteriores. Pertence ao Regime noturno, e caracteriza-se pela bipolaridade, que é a capacidade de reagir de forma heroica ou mística. “Constrói-se o diálogo cíclico entre os opostos.” (idem).

Por fim, outro conceito importante a ser considerado pela Teoria Geral do Imaginário, é a ideia da *constelação de símbolos*. Para o autor, as imagens se organizam através de “núcleos” ou “constelação de imagens” em torno de temas específicos. Sintetizamos de forma didática as principais constelações de imagens dos regimes outrora apresentados.

Figura 1- Quadro demonstrativo da Constelação de imagens segundo a Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand

CONSTELAÇÃO DE IMAGENS DA	Regime Noturno	Símbolos Terimórficos: formas animais que apontam para a desorganização do mundo.
		Símbolos Nictomórficos: monstros, noite apavorante, água escura, medo.
		Símbolos Catamórficos: queda, abismo, dor, experiência negativa.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

ESTRUTURA

HERÓICA

Regime Símbolos Angelicais: asa, pássaro, luz, anjo.

Diurno

Símbolos Uranianos: troféus, guerreiro, chefe, virilidade, medalha.

Símbolos Espetaculares: luz, sol, auréola.

Símbolos Diaréticos: divisão, bem e mal, passado e presente, espada, tocha.

CONSTELAÇÃO DE
IMAGENS DA
ESTRUTURA
MÍSTICA

Regime Símbolos da Mística: figuras femininas, profundidade, fecundidade, cores sutis.
Noturno

Símbolos da Maternidade: água que gera vida, frutas, fontes subterrâneas.

Símbolos de Intimidade: tumulto, caverna, taça, bebida sagrada, repouso.

CONSTELAÇÃO DE
IMAGENS DA
ESTRUTURA
DISSIMINATÓRIA

Regime Ciclo Lunar: percepção da passagem do tempo, ciclo, oferta para renovar o ciclo.
Noturno

Espiral: caracóis, conchas, ritmo, sequência

Fonte: DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Durand (2001)





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

No caso do rito aqui em análise, partindo das categorias estruturadas pelo Imaginário, percebemos que a água dos cântaros, que é considerada impura em ocasiões de óbito, pode ser classificada no regime noturno. O autor esclarece que o símbolo nefasto das águas, remete a água do pântano, escura, estagnada, símbolo da morte, do perigo, da desgraça: “[...] é a “substância simbólica da morte.” A água torna-se mesmo um convite direto a morrer” (DURAND, 2001, p. 96, grifo do autor).

Outro aspecto destacado pelo autor, é a relação entre esta água noturna, e as lágrimas. Lágrimas, são símbolo de dor e de luto. Dessa maneira, compreendemos que a água dos potes que se tornam impuras, passam a participar da mesma impureza atribuída ao corpo morto, e participa do seu “estado mortal”, sem alma, por tanto, sem vida. Além deste simbolismo, destacamos a feminilidade da água como um elemento importante para a compreensão do mito que fundamenta este gesto. De acordo com as estruturas antropológicas do Imaginário, as imagens se agrupam em torno de núcleos organizadores. Seguindo essa ideia, Durand nos esclarece que existe uma profunda relação entre o sangue menstrual e a feminilidade da água nefasta: “Pode-se dizer que o arquétipo do elemento aquático e nefasto é o sangue menstrual.” (DURAND, 2001, p. 101).

O autor vai chamar a atenção para o fato de que, em várias culturas, o sangue menstrual é considerado impuro, ele constitui-se como símbolo de infertilidade, durante o período menstrual as mulheres passam por vários interditos. Leis que consideram o sangue menstrual como algo impuro pode ser observada na bíblia, no Talmude, entre os Bambaras e até mesmo entre os camponeses europeus dos tempos hodiernos. Assim, da mesma maneira que a imagem do sangue correndo nas veias é representativo da vida, de modo oposto, o sangue que se derrama, ou o fluxo sanguíneo passa a ser, por sua vez símbolo da morte, daí a expressão “derramar sangue” como metáfora para se referir a uma situação de morte. Note que o elemento “sangue” está relacionado geralmente com mortes de forma violenta e nessa perspectiva, Durand (2001) vai propor que o simbolismo dos fluxos menstruais, constitui irremediavelmente a feminilidade da água





nefasta como símbolos da morte e da impureza. Para melhor compreensão propomos o esquema abaixo:

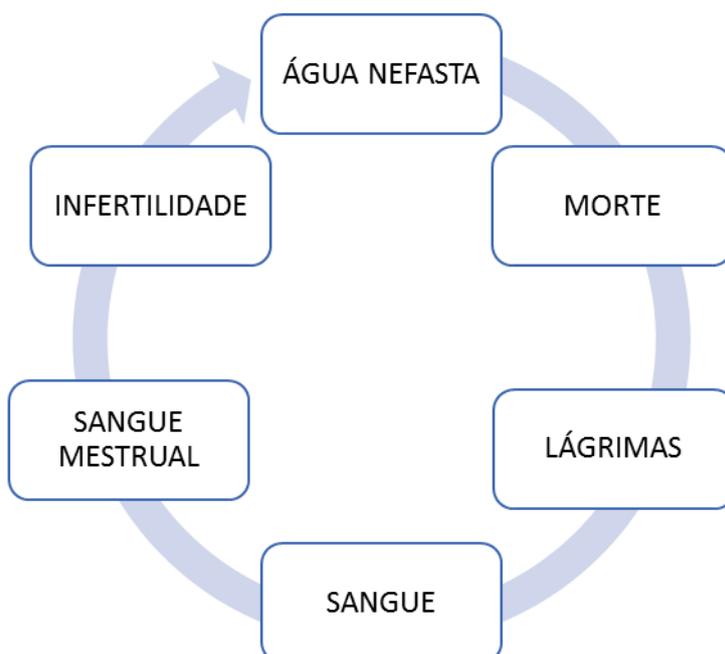


Figura 2 - Elemento gráfico demonstrativo do Simbolismo da água nefasta

Fonte: MOURA, 2018. Baseado em DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A partir da compreensão do simbolismo da água nefasta, percebemos o caráter negativo atribuído a água dos cântaros que levava os cristãos novos espalhados pela colônia portuguesa, a sentirem “nojo e asco”. No entanto, de maneira oposta, temos a água lustral ou de purificação, que contrasta com o simbolismo anterior, podendo-se atribuir-lhe todas as características opostas: vida, pureza, cura, fertilidade, saciedade, regeneração etc. “[...] A água lustral é a água que faz viver para além do pecado da carne e a condição mortal”. (DURAND, 2001, p. 172-173).





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

É importante evidenciar, que os arquétipos cotejados revelam a constante dicotomia entre o bem e o mal, a luz e as trevas, a vida e a morte, o que nos leva a identificar o schème da Divisão como estruturante para o mito que fundamenta o rito de vazar a água dos potes, isto é: o ideal de purificação. Ressalte-se que os símbolos presentes nesta narrativa, ratificam o ideal de purificação ao qual nos referimos, posto que os símbolos angelicais, para o Imaginário, também estão relacionados com a ideia de pureza (CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2015, p. 46) e a espada, representa a arma do herói, símbolo de divisão e de separação (Ibidem, p. 49).

Assinalemos, pois, que essa ação simbólica desenvolvida largamente por cristãos novos e velhos na colônia, constitui uma reminiscência de um rito judaico de purificação, que foi se transformando e estruturando, até chegar na “degradação simbólica”³⁰⁵, preservando-se apenas a ideia de que a água dos potes deve ser descartada por seu estado de impureza, e em seu lugar, se faz necessário o uso da água nova. É verdade que muitos cristãos novos, desconheciam o significado doutrinal e até mesmo a narrativa do anjo da morte, no entanto, preservavam uma lembrança distante de uma prática religiosa comum entre os seus antepassados.

Assim, concluímos que o mito diretor presente no ato de vazar a água dos potes, é o da “purificação da alma”. Para o reconhecimento desse mitologema, é necessário a compreensão de alguns pontos importantes da teologia judaica. Assim, nota-se que, no judaísmo, o homem fora criado pelo próprio Deus, a partir do “barro da terra”, em seu estado originalmente “puro”, à sua “imagem e semelhança”. No entanto, com a desobediência, o pecado e a morte passaram a existir no mundo natural, e o homem passou a ser mau, sujeito ao pecado. Desde então, a morte como consequência, passou a fazer parte da realidade humana.

Será no estado de impureza, causada pela desobediência, que no judaísmo, os ritos de purificação, se fazem presentes em diversos momentos e por meio de vários ritos. “Finalmente, no judaísmo, a poluição é sempre um estado transitório - nunca uma

³⁰⁵ A ideia da degradação dos símbolos nos é apresentada por Eliade (2008). O autor afirma que muitos mitos vão se “degradando” com o tempo, sendo transformados e resignificados com o tempo, perdendo seu simbolismo original.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

condição estrutural, e todo aquele que foi contaminado tem o direito à expiação ou purificação.” (TOPEL, 2003, p. 218). Os ritos de purificação, portanto, preenchem toda a vida do judeu desde o seu nascimento, indicando o modo como deve se vestir, comer, copular, e até mesmo, na hora da morte, o modo como deve ser enterrado. Ressalte-se que, o sentido dos ritos de purificação, é o de “regenerar” aquilo que foi perdido, ou seja, a “pureza original” perdida no jardim do Éden. Trata-se mesmo, de um retorno ao estado original da alma no momento da criação. Este é o mito fundante, diretor dos ritos judaicos, que os cristãos novos receberam por tradição familiar.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Claretiana. Edição revisada. São Paulo: Ave- Maria, 2010.

CAVALCANTI. Carlos André. **No imaginário da intolerância, da Inquisição ao ensino (não) religioso**. 2. ed. São Paulo: Fonte editorial, 2015.

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é Imaginário: olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Primeira Visitação do Santo Ofício as Partes do Brasil: Denúncias e confissões de Pernambuco: 1593- 1595**. Recife: FUNDARPE, 1984

MOURA, Anderson Cordeiro de. **As heresias da família Soeiro: Inquisição e imaginário criptojudáico na Goiana colonial (PE-século XVI)**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SANCHEZ-TEIXEIRA, Maria Cecília. **Discurso pedagógico, mito e ideologia: o imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

TOPEL, Marta F. As leis dietéticas judaicas. **Horizontes Antropológicos**. v. 9, n. 19, p. 203- 222, 2003.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

